

OUTROS MODOS DE VER, OUTRAS HISTÓRIAS PARA CONTAR: MARLENE NOURBESE PHILIP E A QUEBRA DO SILÊNCIO

Cláudia Maria Fernandes Corrêa¹
Universidade de São Paulo

O título de nossa intervenção nesta mesa-redonda provém de uma inquietação proveniente das várias versões da história oficial a respeito dos afrodescendentes. Sabemos que essa história descreveu esses povos como uma gente “indolente”, “preguiçosa”, “bizarra”, “animalesca”, “selvagem”, “exóticos”, possuidores de uma “sexualidade exacerbada” e que só sairiam de tal estado de barbárie pela ajuda e obediência às crenças do homem civilizado – e, por civilizado, entenda-se o europeu caucasiano.

Para a manutenção do status dos africanos e afrodescendentes, uma sólida base discursiva foi mobilizada, contando com argumentos vindos das mais diversas áreas como a Biologia, a Genética, a Religião, todas referendadas pela literatura de viagem e pela iconografia do século XVIII que cristalizou a essência dos negros (GILMAN 1986), fornecendo ao mundo um “modo de ver” (BERGER 1999) homogêneo e, por consequência, eurocêntrico e linear, não permitindo que um outro olhar fosse voltado a tais povos, uma vez que as imagens foram cristalizadas e fixadas, marcando a diferença daqueles seres ausentes, visto que

As imagens foram a princípio feitas para evocar as aparências de algo ausente. Aos poucos foi se tornando evidente que uma imagem podia ultrapassar em duração aquilo que ela representava [...] Uma imagem tornou-se um registro de como X tinha visto Y” (BERGER, 1999, p. 12).

Isso equivale a dizer que a forma como os africanos e afrodescendentes passaram a ser percebidos foi afetado por uma série de imagens fixadas, reconstituídas e reiteradas no imaginário dos exploradores do continente africano e difundidas para o mundo, servindo ao propósito de reinventar histórias sobre a origem e situação de inferioridade dos negros, produzindo o apagamento de todo e qualquer sinal de individualidade que se perpetuou por séculos e que, ainda hoje, ecoa seus efeitos em diversos contextos, como por exemplo, no Caribe, contexto que escolhemos como objeto de análise.

¹ Doutoranda no Programa de Estudos Linguísticos e Literários em Inglês na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. / Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Para que seja possível uma reversão dessas imagens, é preciso a abertura de espaços alternativos para a emergência de outras histórias alternativas, partindo de uma perspectiva outra, revelando um outro modo de ver, com premissas contextuais diferenciadas para desmistificar o passado fixo, fechado em si mesmo, quebrando, dessa forma, a inferioridade inventada e, ao mesmo tempo, introduzindo uma nova temporalidade cultural que, imediatamente “afasta qualquer acesso imediato a uma identidade original ou a uma tradição “recebida”” (BHABHA, 2005, p. 21) que

não pode mais ser encarado simplesmente como uma ruptura ou um vínculo com o passado e o futuro, não mais uma presença sincrônica: nossa autopresença mais imediata, nossa imagem pública, vem a ser revelada por suas discontinuidades, suas desigualdades, suas minorias. Diferentemente da mão morta da história que conta as contas do tempo sequencial como um rosário, buscando estabelecer conexões seriais, causais, confrontamo-nos agora com o que Walter Benjamin descreve como a explosão de um momento monádico desde o curso hegemônico da história (BHABHA, 2005, p. 23).

As imagens, que antes significavam aquilo que estava ausente, saem de cena e uma autopresença da imagem pública emerge por meio das discontinuidades e rupturas da linearidade histórica, dando lugar a outros saberes que surgem do questionamento dos discursos tradicionais normalizadores usados para a manutenção da “tradição inventada” (SAID 2004) e recebida como verdade única e absolutamente inquestionável.

A resignificação discursiva tem lugar por meio da palavra, iniciando com a compreensão do significado da língua do opressor. Essa estratégia de resistência é empregada, particularmente, pelos escritores e escritoras afrodescendentes e encontramos singular exemplo na obra **She Tries Her Tongue, Her Silence Softly Breaks** (1989), da escritora afro-caribenha-canadense Marlene Nourbese Philip.

Publicada em 1988 e vencedora do prêmio literário *Casa de Las Américas*, a obra **She Tries Her Tongue, Her Silence Softly Breaks** faz uma severa e consciente incursão pela memória diaspórica e uma de suas perdas mais significativas: a perda da língua africana. Notamos que Marlene Nourbese Philip possui uma escrita engajada politicamente com o uso da linguagem como um importante espaço para que a “luta agonística” (MOUFFE, 2007), ou seja, uma reconfiguração nas relações de poder sob a qual uma sociedade está estruturada e que é uma luta entre projetos hegemônicos tenha lugar.

O sujeito poético de **She Tries Her Tongue**² confronta o leitor com a escravização e a colonização. Esse sujeito, assim como a autora Marlene Philip, deixou seu local de origem e emigrou para um local onde se encontrou em um interstício problemático entre

² Deste ponto em diante, todas as referências à obra **She Tries Her Tongue, Her Silence Softly Breaks** (1989) serão grafadas **She Tries Her Tongue**.

as culturas africana e caribenha, porém, na condição de escravizado no Novo Mundo. Assim, os processos de identificação e pertencimento tornam-se processos de contínuos deslocamentos e não-pertencimento que ocorrem por meio da linguagem. Apontando para a capacidade socialmente construída que a linguagem tem de deformar a identidade, Marlene Philip questiona a partir de que perspectiva a imagem dos africanos foi construída.

Pela contextualização de sua prática discursiva na história diaspórica, Marlene Philip nos mostra uma “realidade circunstancial” dos textos ocidentais e reintroduz a problemática da reivindicação da verdade baseada na experiência vivida de realidades sociais particulares (SAID, 1983, p.39). Para a autora, o idioma inglês simboliza a dominação e a creolização do inglês no Novo Mundo marca a língua do dominador como uma arena tensa onde relações desiguais de poder foram e continuam a ser transformadas. Isto significa que, pela sua poética, Marlene Philip questiona os conceitos de corpo, memória, história e materialidade. O corpo, pela maneira que se posiciona dentro do espaço social por meio da linguagem que usa, oferece a possibilidade de uma prática crítica que responda às condições de vida do sujeito social e atente para os micro-contextos sociais em que a realidade social pode ser renegociada e transformada. O corpo é o local do registro do trauma histórico.

A forma não linear dos poemas em **She Tries Her Tongue**, as diferentes fontes usadas, o espaçamento, os textos verticais e a multiplicidade de textos justapostos relembram o leitor das várias instâncias que constroem o poema (o trabalho do poeta, do gráfico e do próprio leitor) e que cada um é um sujeito social vivo, comprometido com o ato performático do texto dentro de um arranjo determinado de relações de poder.

Oriunda de Trinidad e Tobago que sofreu o jugo da colonização até 1962, Marlene Philip, assim como outros escritores e escritoras seus antecessores, aprendeu a “simultaneidade do discurso”, para usar um termo de Henderson (1990, p. 117):

This concept is meant to signify a mode of reading which examines the ways in which the perspectives of race and gender, and their interrelationships, structure the discourse of Black women writers.

Marlene Philip não somente fala às outras mulheres oprimidas pelo racismo, pelo sexismo e pela violência de gênero; ela também conclama por uma participação ativa e cobra das autoridades que devolva a essas mulheres seus espaços e reconheça seu valor para além de planos governamentais.

Marlene Philip força os leitores a voltar seus olhares para o passado para que ele não seja esquecido e o ato de lembrar a “história como trauma” (SELIGMANN-SILVA,

2005, p. 83) torna-se, também, uma forma de intervenção social e histórica, bem como uma forma de cura coletiva, perfazendo a jornada épica da busca por seu “lugar” no Novo Mundo, o mundo globalizado, da globalização da exclusão e da miséria. Ainda assim, a autora mostra possibilidades reais de intervenção nas práticas sociais, nos discursos e relações de poder que construíram a colonização, o império e a globalização.

O início dessa jornada épica começa pela consciência do papel do silêncio que, na obra em questão, tem um duplo estatuto: os opressores silenciam os africanos e afrodescendentes e, contra isso, instaura-se o silêncio por parte dos afrodescendentes como uma estratégia de resistência.

Num primeiro momento, a história e as potencialidades dos africanos são negadas e apagadas e os africanos, no Novo Mundo, *são narrados ao invés de narrarem-se por suas próprias palavras*. Ao empregar os vários discursos alicerçados na razão Iluminista, linear e eurocêntrica, são apagadas as possibilidades de narração. Nesse sentido, o Outro está presente pela sua ausência, estando presente “de modo ambíguo” (ORLANDI, 2007, p. 48), e, assim, valendo-se dessa fixidez do estereótipo, a ambivalência

dá ao estereótipo colonial sua validade: ela garante sua repetibilidade em conjunturas históricas e discursivas mutantes; embasa suas estratégias de individuação e marginalização; produz aquele efeito de verdade probabilística e predictabilidade que, para o estereótipo, deve sempre estar em excesso do que pode ser provado empiricamente ou explicado logicamente (BHABHA, 2005, p. 106).

Percebe-se que esse silenciamento é, de certa forma, um mecanismo da “tradição inventada” (SAID, 2004), fazendo escapar da memória a história e criando, no caso da diáspora africana para as Américas, a justificativa da inferioridade dos africanos, avalizando a impossibilidade de sustentar um outro discurso que não aquele dos dominadores, criando “um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta. Esse cordão umbilical é o que chamamos de “tradição”” (HALL, 2003, p. 29).

O apagamento da história dos africanos e afrodescendentes somente pode ser combatido pela imposição de um contradiscurso, alicerçado em uma subversão linguística que tem início com o silêncio dos oprimidos, que se configura como uma forma de resistência contra a interdição à sua história. Porém a palavra não surge de imediato.

Em condições dadas, fala-se para não dizer (ou não permitir que se digam) coisas que podem causar rupturas significativas na relação dos sentidos [...] O silêncio, [...] não é o não-dito que sustenta o dizer, mas é aquilo que é apagado, colocado de lado, excluído. (ORLANDI, 2007, p. 102).

Na obra **She Tries Her Tongue**, Marlene N. Philip instaura um questionamento acerca das palavras narradas sobre os africanos:

[W]hen we hear certain words and phrases, such as 'thick lips' or 'kinky hair', the accompanying images are predominately negative expressions; such expressions connote far more than they denote. From whose perspective are the lips of the African thick or her hair kinky? Certainly not from the African's perspective (PHILIP, 1989, p.20).

Philip (1989) sugere que uma das estratégias que segue na contramão do discurso dominante talvez seja justamente escrever “*sobre a língua que deu essas denominações aos africanos*” (p. 20 – Grifo nosso), isto é, a língua inglesa que o sujeito poético define da seguinte maneira:

English is
my father tongue.
A father tongue is
a foreign language,
therefore English is
a foreign language
not a mother tongue (PHILIP, 1989, p. 58)

Segundo Philip (2004), é preciso recuperar a presença materna na língua Afrospórica, é necessário recuperar a presença da África na língua caribenha que superou o seu desígnio de ser esquecida.

For me, it's a mothering presence, a mother who has been hidden and despised and who has nurtured that effervescent ability to overcome this attempt to erase you and to create something that is living, breathing, and beautiful (p. 697).

E essa presença somente pode ser recebida pela infusão das palavras maternas na língua paterna, numa simbiose entre as três línguas. Isso ocorre em dois momentos da obra: primeiro, a mãe entrega à sua filha as suas palavras e aquelas de suas predecessoras:

THE MOTHER THEN PUT HER FINGERS INTO HER CHILD'S MOUTH – GENTLY FORCING IT OPEN; SHE TOUCHES HER TONGUE TO THE CHILD'S TONGUE, AND HOLDING THE TINY MOUTH OPEN, SHE BLOWS INTO IT – HARD. SHE WAS BLOWING WORDS – HER WORDS, HER MOTHER'S WORDS, THOSE OF HER MOTHER'S MOTHER, AND ALL THEIR MOTHERS BEFORE – INTO HER DAUGHTER'S MOUTH (PHILIP, 1989, p. 58).

Receber a palavra como uma herança ancestral é de suma importância porque, para os africanos, a palavra é um dos elementos que dá coesão à sociedade e, para além, à própria identidade do indivíduo; o homem “é a palavra, e a palavra encerra um testemunho daquilo que ele é” (BÂ, 2010, p. 168), dando vida e ação ao passado que é presentificado, modificado e devolvido à sociedade por essa palavra viva e vibrante, isto é, a palavra testemunhal daquele que, à história, lançou outro olhar e “curou a palavra ferida pelo deslocamento e desequilíbrio entre a palavra e a imagem” (PHILIP, 1997, p. 54 – Tradução nossa).

The text – the silence at the heart of. My text – I writing my own silence...and if you cannot ensure that your words will be taken in the way you want them to be – if you are certain that those you talking to not listening, not understanding your words, or not interested in what you saying and wanting to silence you, then holding on to your silence is more than a state of non-submission. It is resisting (PHILIP, 1997, p. 99).

Entre as pequenas fraturas que essa nova língua cria, emerge o silêncio que é voz e ação; é um silêncio fundado na resistência das palavras que carregam a identidade do sujeito poético que agora fala numa multiplicidade de línguas que funcionam como artefato de intervenção no contexto social que é

o espaço da intervenção que emerge nos interstícios culturais que introduzem a invenção criativa dentro da existência. E, uma última vez, há um retorno à encenação da identidade como iteração, a re-criação do eu no mundo da viagem (BHABHA, 2005, p. 29).

Essa intervenção no social traz consigo uma esperança de que haja uma reação semelhante ao “call and response”: se a poesia causa inquietação e as línguas silenciosamente quebram o silêncio, é preciso reagir, talvez, iniciando uma jornada rumo ao redescobrimto do peso e poder das palavras ancestrais, pois

each word creates a centre
circumscribed by memoy...and history (PHILIP, 1989, p. 96)

Considerações Finais

Nessa intervenção, analisamos os dois estatutos do silêncio na obra **She Tries Her Tongue**, como estratégia de resistência e rearticulação identitária. Se por um lado houve um silenciamento dos africanos, por outro, o silêncio foi retomado como um espaço de questionamento da língua inglesa e reinscrição da língua Afrospórica para que a visibilidade fosse alcançada pelos afrodescendentes e que as muitas vozes fossem ouvidas, desconstruindo a “tradição inventada” (SAID 2004) da inferioridade dos africanos, propiciando um outro modo de ver e reler a história ora silenciada porque

to find the sources and sound o four silencing, we must become cartographers of silence, mapping not only the known edges – the boundaries o four inner space- but moving beyond the boundary. To take sounds of the deep, where the voice is not one but “the many voiced one of one voice/ours... (PHILIP, 1997, p. 106)

Referências

- BÂ, A. Hampaté. A tradição viva. IN: KI-ZERBO, Joseph. História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África. 2ª. Ed. ver. – Brasília: UNESCO, 2010, p. 167-212.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Glauce Renate Gonçalves. 3ª. reimpr. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.
- BERGER, John. **Modos de Ver**. Tradução de Lúcia Olinto. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- GILMAN, Sander I. “Black Bodies, White Bodies: Toward an Iconography of Female Sexuality in Late Nineteenth-Century Art, Medicine, and Literature. IN: GATES, Henry

Louis (Editor). **“Race”, Writing, and Difference**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1986.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução Adelaine La Guardia Resende...[et alii]. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HENDERSON, Mae Gwendolyn. **Speaking in Tongues: Dialogics, Dialects, and the Black Woman Writer’s Literary Tradition**. In: GATES, Henry Louis Jr., (Editor). *Reading Black, Reading Feminist: A Critical Anthology*. New York: Meridian; Penguin Books, 1990, pp.116-142.

MAHLIS, Kristen. **A Poet of Place: An Interview with M. Nourbese Philip**. *Callaloo*, Volume 27, Number 3, Summer 2004, pp. 682-697 (Article)

MOUFFE, Chantal. *Artistic Activism and Agonistic Spaces*. Art&Research. United Kingdom, Volume 1, Number 2, Summer, 2007. p. 1-5. Disponível em: <http://www.artandresearch.org.uk/v1n2/mouffe.html>. Acesso: agosto/ 2010.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2007.

PHILIP, Marlene Nourbese. **A genealogy of resistance and other essays**. Toronto, Ontario: The Mercury Press, 1997.

_____. **She Tries Her Tongue, Her Silence Softly Breaks**. Canada: Ragweed, 1989.

SAID, Edward. **Freud e os Não Europeus**. Tradução Arlene e Clemecha. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. **The World, the Text and the Critic**. Cambridge: Harvard, 1983

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O Local da Diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução**. São Paulo: Editora 34, 2005.

RESUMO: Nosso trabalho analisará a obra **She Tries her Tongue, her Silence Softly Breaks** da escritora afro-caribenha-canadense Marlene Nourbese Philip que, por meio de sua poética, propõe outros modos de ver e reler a história da diáspora negra para o Caribe e as perdas inerentes a essa dispersão, dando relevo ao uso da língua inglesa nos campos científico, ideológico e religioso para inventariar a inferioridade dos africanos e afrodescendentes. A obra em questão opera, nesse sentido, como um “espaço agonístico” (MOUFFE 2007), isto é, um local de reflexão e contestação da dominação colonial e capitalista, mas que também é um espaço de emergência das histórias alternativas antes submersas e ocultas pelo poder hegemônico.

Palavras-chave: Diáspora; Poética; Caribe; Língua Inglesa; “Espaço Agonístico”.